

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e **O POVO** se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

A Avenida dos Covardes

Melissa Vasconcelos Gomes
escritoramelissavasconcelos@gmail.com

Os anjos tocam as trombetas: cheguem mais perto, raios de sol! Grita Clementina: eu sou doida, papai! Vim do Carnaval e corro pelada na rua. Só sei tocar flautas. Por causa da falta das flautas, endoidei. Vivo escondida na lua, nas securas da minha boca. Volta, Ribeiro, estou tremendo de amor. Ouvia “Tema de amor de Gabriela” no carro de som, todos os dias, em frente ao trabalho de Ribeiro. Me deixe em paz, Clementina! Meu coração é um pote de água, meu sangue não ferve mais. Olhai, Ribeiro, as veias que saltam! Sai de mim, Clementina, me deixe em paz!

Clementina foi para loja da esquina, lugar em que eram vendidos potes de vidro vazios. Um catador de lixo as colecionava. A cliente o largou para se casar com Frederico. Lá, havia chocolates e cartinhas de amor para Joana.

Na fachada da loja, o leteiro vendia “temos potes de lágrimas

sofridas”. Clementina os levou de graça. Bastava uma mentira, uma desilusão ou uma grande queda para o órgão de pulsação. Vendido, leve-os! Clementina esperou três meses. Segundo suas pesquisas, era o tempo necessário para encher um pote com suas lágrimas. Descascar cebolas, todos os dias, para refogar o arroz, o feijão e a carne. Cozinhas e se lembrava de que fazia a marmitta do esposo, antes que partisse para o trabalho. Olhava seus peitos caídos, de tanto amamentar seus filhos. Suas unhas mal feitas, seu cabelo sujo. Agora, deixava os cabelos sujos de propósito. Potes de lágrimas e caspas. Em outubro, Ribeiro se arrependeu. Clementina não lhe dava mais bom dia. Mudou de casa. Na porta, deixou o pote de lágrimas e um recado colado: “beba-me”. O homem bebeu as lágrimas e as caspas. Saiu em seu carro luxuoso, tresvaliando. Olhava para o céu, e não para o asfalto. Ribeiro morreu atropelado, na Avenida dos Covardes, ao som de águas de março. Este foi o fim da canseira.

Democracia, na escola?

Carla Freitas
carla.freitas@seduc.ce.gov.br

John Dewey, em “Democracia e Educação”, compreendia a escola como espaço de convivência, participação e aprendizagem da vida coletiva. Ensina-se e aprende-se democracia, portanto, também pela experiência: dialogando, cooperando, tomando decisões e respeitando diferentes perspectivas.

Essas ideias ganham força no Brasil com a “Escola Nova e Manifesto dos Pioneiros”. Anísio Teixeira defendeu a escola pública que prepara para a cidadania, Dermeval Saviani destacou a dimensão social e política da educação.

A redemocratização, a Constituição de 1988, a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) Lei nº 9.394/1996 e a Lei nº 14.644/2023 ampliaram os instrumentos de participação na escola. Mas participar não é apenas estar presente: é poder falar, ser ouvido, propor, discordar, construir alternativas e acompanhar decisões.

A escola tem a função de criar condições para vivenciar a democracia na

participação do conselho escolar, na construção do projeto político-pedagógico e nas eleições para lideranças escolares, mas com qualidade de participação. Essa perspectiva dialoga com o ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável) 16 e com a formação para a cidadania prevista na BNCC (Base Nacional Comum Curricular).

O que se espera da escola democrática é um currículo alinhado à participação social, respeito mútuo e valorização da diversidade, preparando os estudantes para a cidadania autônoma e para fazer escolhas conscientes. Por fim, a gestão da democracia na, da e com a escola é refletida em como uma reunião é conduzida, como um conflito é mediado, como os estudantes são envolvidos nas decisões, como as famílias são acolhidas e como os professores e colaboradores participam da construção das propostas da instituição.

A principal provocação para o debate democrático na escola é: a escola está preparada pedagogicamente para experiências concretas de diálogo, participação, responsabilidade coletiva e respeito às diferenças?

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

O que mudou na educação em 20 anos?

Isathai Morena
Professora de Língua Portuguesa e Literatura

Um dia, um aluno perguntou por que eu escolhi ser professora. Percebi então que nunca havia pensado sobre isso. Ingressei na educação há duas décadas e ser professora não era meu sonho profissional.

Ao longo dessa trajetória, passei por instituições pequenas, médias, grandes, universidades, ensino semipresencial e online, em Fortaleza e interior.

Nesses vinte anos de docência, me vi inserida nas diversas mudanças educacionais e sociais. Do giz à lousa digital, passando pelo boom dos tablets, chegando às Metodologias Ativas e inteligência artificial.

Autonomia e protagonismo do aluno, professor como mediador do conhecimento, celulares como ferramentas pedagógicas foram inovações. Atividades aos sábados, período integral, noite do pijama, a escola como um local seguro para os filhos enquanto os pais trabalham. Tudo lindo nas redes sociais!

Para além das variações metodológicas e tecnológicas, vieram as transformações na sociedade. E no meio de tudo isso, os professores: formações, avaliações externas, muitas demandas. Dois anos de aulas remotas na pandemia, atraso gigantesco na aprendizagem dos alunos, prejuízos emocionais em praticamente todos, retorno ao “novo normal”.

Diante do cenário atual de desvalorização do trabalho do professor e falta de parceria de muitas famílias, fala-se em “apagão de professores” nas próximas duas décadas.

Eu gostaria de ter palavras encorajadoras para meus colegas. Então, me volto para a resposta que dei a meu aluno: escolhi ser professora porque amo ver as pessoas aprendendo. Sem querer romantizar, desejo que o aprendizado dos nossos estudantes, resultado do nosso trabalho, possa nos motivar cada vez mais a continuarmos lutando por mudanças benéficas na educação.



escolhi ser professora
porque amo ver as
pessoas aprendendo”



“Deus é amor, mas também é justiça”

Jansen Viana
Bancário, escritor, dramaturgo, poeta, roteirista, chargista, cronista

Já ouvi essa frase repetidas vezes de cristãos evangélicos e católicos, mas podem ficar certos de que não está na Bíblia literalmente desse jeito. Dessa forma, a conjunção coordenativa adversativa “mas” dá toda a ideia de oposição, de contraste, indicando que amor e justiça são opostos. Será?

Existe amor sem justiça? Amor e justiça são a mesma coisa? Existe justiça sem amor? Acho que, e talvez você concorde comigo, a última pergunta é mais fácil de responder. Para mim, justiça sem amor é vingança, opressão, domínio. Mas como punir amorosamente? E como amar sem punir ofensas e crimes? Intrigantes questões que não vou pagar de sabidão e dar respostas brilhantes.

Quero mais é provocar.

Podemos punir alguém que rouba um pão na padaria porque seus filhos estão com fome e não tem como comprar? Fazer um juízo sem levar em conta opressões sociais históricas? Sugiro, nessa reflexão, entender o que disseram pensadores como Gustavo Gutiérrez e Jürgen Moltmann, que discorreram sobre o amor exigindo justiça histórica e a justiça amorosa. Seria oportuno.

Acredito que nosso senso de justiça precisa da capa do amor, da empatia, da reconciliação e da restauração humana entre as partes envolvidas em cada questão. Sei que há casos de extrema complicação e, deixo claro, não sou bom nisso, como você pode até estar deduzindo. Não sou professor de amor e de justiça. Só estou pensando.

Pode me julgar, mas, por favor, amorosamente.

Um encontro à beira mar

Vitor Carvalho
Poeta e escritor

É apenas mais uma manhã na Beira Mar, em meio ao vai e vem dos carros, o barulho dos pombos na areia da praia, e movimento das ondas. Mas, naquele pedaço de lugar, existem memórias, sentimentos, e encontros únicos, que se misturam com aquela paisagem.

Observo atento uma senhora, parada e com o olhar de quem reflete sobre a vida, contemplando. Me aproximo dela, que me confirma. Ela estava recordando os momentos em família.

O marido, já falecido, os filhos pequenos, hoje, já crescidos, faziam juntos caminhadas, conversavam com as pessoas. As manhãs, e as tardes de férias. O cotidiano, de acordo com ela, está vivo e guardado, como os de tantas famílias, nativos e visitantes, que transitam pela avenida, a pé ou de bicicleta, e que fazem parte dela, e de seu barulho.

A Beira Mar não é somente uma paisagem bonita. É um lugar feito de gente, de vivência. Eu, por exemplo, como a senhora, tenho as minhas também. Eu guardo a primeira vez em que vi o mar. A primeira vez em que vi as luzes dos prédios iluminando o meu entorno.

Ali, estavam as crianças admirando os brinquedos da feirinha. Os turistas comprando artesanato. O casal elegante. O pescador indo em direção ao mercado dos peixes.

O humorista mostrando o que sabia fazer, com o humor característico do cearense.

Talvez, ao ver aquela senhora, eu tenha me reconhecido em seu olhar. Como alguém que terá sempre boas lembranças e que recorda tudo com muito carinho. Na verdade, caro leitor, é um privilégio ver todos os dias, o sol nascer, sair e contemplar o mar, tomar água de coco, enquanto sente o vento nos cabelos, ouvir o barulho do vai e vem dos carros, dos ônibus circulando.

E quando chega a noite, eu fico dali da janela, observando as famílias reunidas, após um longo dia. É a vida acontecendo!

Cria-se ali, a crônica de cidade grande. Me identifico com aquela criança, apontando para o prédio mais alto da orla. Talvez, anos atrás, eu estivesse fazendo a mesma coisa. Lá se vai mais um dia. O outro nascerá, exatamente ali, e eu terei outras histórias para contar.